

Capítulo 3. «Expressar o inefável, (...) e torná-lo universalmente comunicável» Sobre o conceito de linguagem poética em Kant

Fernando Manuel Ferreira da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, F.M.F. «Expressar o inefável, (...) e torná-lo universalmente comunicável». Sobre o conceito de linguagem poética em Kant. In: HULSHOF, M., and MARQUES, U.R.A., eds. *A Linguagem em Kant, a linguagem de Kant* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, pp. 87-100. ISBN: 978-85-7249-010-8. Available from: <http://books.scielo.org/id/kj9vm/pdf/hulshof-9788572490108-04.pdf>. <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7249-010-8.p87-100>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 3.

«EXPRIMIR O INEFÁVEL, (...) E TORNÁ-LO UNIVERSALMENTE COMUNICÁVEL». SOBRE O CONCEITO DE LINGUAGEM POÉTICA EM KANT

Fernando M. F. SILVA

I.

Quando, no §49 da terceira Crítica, Kant se refere ao tópico da *poesia*¹, o filósofo fá-lo com sobejo destaque, reiterando o que sobre o tópi-

¹ O tópico da poesia sempre foi um tópico pouco abordado em Kant; uma tendência que, felizmente, os últimos anos vêm invertendo. De entre os mais recentes contributos, e exceções à anterior regra, salientamos: MCLAUGHLIN, Kevin, *Poetic Force. Poetry after Kant*, Stanford: Stanford University Press, 2014; PENNY, Laura, “The highest of all the arts: Kant and Poetry”, in *Philosophy and Literature*, 32, p. 373-384, 2008; HLOBIL, Tomás, “Immanuel Kant on Language and Poetry: Poetry without Language”, in *Kant-Studien*, 89, 1, p. 35-43, 2009; PARK, Roy, “Coleridge and Kant: Poetic Imagination and Practical Reason”, in *The British Journal of Aesthetics*, Vol. 8, 4, p. 335-346, 1968. SILVA, Fernando M. F., “«The combined force of sensory impressions»: Kant’s view on the benefits of Poetry to Philosophy”, in *Kant’s shorter writings: Critical paths outside the Critiques. Kant shorter writings*, ed. Robert Hanna, Robert Loudon et. al., UK: Cambridge Scholars Publishing, p. 68-82, 2016.

co dissera nas *Lições de Antropologia* e no “Opponenten-Rede” (AA XV.2: 903-935), e viria a reafirmar na *Antropologia* de 1798. A poesia, afirma Kant, é a própria “faculdade da apresentação de ideias estéticas” (AA 5: 313-314)² –, e, enquanto tal, ela é “princípio vivificante do ânimo” (id.: 313): aquilo que, mediante o génio, ou o *espírito*, “põe em movimento as faculdades do ânimo” (ibid.), e assim “vivifica a alma” (ibid.).

Ao contrário das anteriores, e também posteriores ocasiões, porém, Kant é aqui mais explícito sobre o porquê de tão merecido destaque e tão nobre função da poesia no seio do espírito humano; e, diz a este respeito o filósofo, este destaque e nobreza devem-se a factores diametralmente opostos, quase até auto-supressivos: a saber, por um lado, à necessária *inefabilidade* – à impossível conceptualização, ao impossível trazer à linguagem – do efeito das imagens da poesia; por outro, não obstante, à não só possível, mas necessária e *universal comunicabilidade* do efeito dessas mesmas imagens.

Por outras palavras – Kant explica –, a poesia é constituída por ideias estéticas; e porque a ideia estética “substitui a apresentação lógica para aquela ideia da razão, no fundo porém para vivificar o ânimo, enquanto abre para este a perspectiva de um campo incalculável de representações afins” (id.: 315), então as ideias estéticas são representações da faculdade de imaginação que por certo “dão muito que pensar” (id.: 314); pois elas, por assim dizer, ocasionam mais-pensar, e por isso precisamente “vivificam a alma” (id.: 313).

O problema, porém, é que nesta *substituição do lógico pelo imaginativo*, neste diálogo entre antigo e novo, entre consciente e inconsciente, racional e fantasioso – numa palavra, neste *mais-pensar* –, o fenómeno da poesia aparenta ver-se cindido em duas tendências opostas, e porém depender desta incongruência. A saber, *por um lado*, as criações ou novas imagens da poesia são mola propulsora do espírito; mas, porque, justamente, elas “permitem pensar mais do que se pode expressar num conceito determinado por palavras” (id.: 315), então, diz Kant, “não há porém qualquer pensamento determinado, isto é, conceito, que lhes possa ser adequado” (id.:

² Com respeito às citações de Kant, recorremos ao método: Abreviatura da obra, número de volume, número de página. A tradução das mesmas para língua portuguesa é da minha autoria.

314). Pois para as criações da poesia “não se encontra nenhum exemplo na natureza” (ibid.); e portanto, delas não só não pode ter o entendimento nenhum conceito, como a elas, “nenhuma linguagem alcança inteiramente nem pode tornar compreensível” (ibid.); e portanto, diz-se, as imagens da poesia são inexprimíveis e inefáveis.

Por outro lado, porém – aduz Kant –, tais criações são, apesar da sua indizibilidade, *propriamente humanas, e não apenas subjectivas*; de outro modo, convenhamos, o tópico da poesia não seria por Kant incluído na “Análise à Faculdade de Juízo Estética”. E por conseguinte, diz Kant, poderá até ser que tais representações sejam na sua novidade, na sua subjectividade própria, inefáveis; mas porque também elas não podem provir do nada, e nelas, na disposição das faculdades do ânimo, na vivificação da alma, tem de haver ulteriormente proporção e conformidade a um fim (cf. id.: 313), então as novas imagens da poesia, e seu efeito, têm de vir a ser, *apesar da sua inefabilidade*, “universalmente comunicáveis” (id.: 317) – isto é, elas têm de vir a tornar-se no espírito de todos, e para todos do mesmo modo, inteiramente compreensíveis e dizíveis. Pois isso mesmo, diz Kant, é o singular fenómeno do espírito, e isso mesmo é o por ora aparentemente paradoxal efeito da poesia: *que ela traga à alma humana, sob uma forma universalmente compreensível, não apenas imagens, mas justamente criações que em si são inefáveis, e nisso contrariam já o próprio motivo da comunicação* – e isso, vê-se-já, sem que assim se desvirtue tal inefabilidade, que é dela própria, nem tão-pouco este seu propósito de comunicação, que no fundo lhe é também essencial.

Até que isto seja alcançado; isto é, até que da poesia se possa ter uma tal visão híbrida, o conceito kantiano de poesia permanece votado ou à sua inefabilidade, ou à sua comunicabilidade universal; ou pior, no entender de Kant, ele permanece votado à sua total dizibilidade, e conseqüente total incomunicabilidade, o que para o filósofo mais não seria do que desvirtuar esta tão singular e fértil linha que na poesia une e separa palavra e espírito, racional e imaginativo, individual e universal. E com isto, falhar-se-ia por inteiro o que de ambos os planos, e todos os elementos que os constituem, nos diz o conceito de poesia.

II.

Assim, considerada a poesia não deste modo, mas “somente em si” (id.: 314) – a poesia, diz Kant, é “propriamente só um talento (da faculdade de imaginação)” (ibid.): uma forma de animação do ânimo por palavras e sentimentos. Assim vista, pois, nada parece haver nela de uma ligação às faculdades do ânimo, de um especial uso das mesmas, ou ainda de uma específica disposição das mesmas; e, do mesmo modo, porque nada parece animá-la, e ela não segue aqui um propósito especial, tão-pouco parece haver nela algo de inefável, pois que ela é afinal posta em palavras, e nada há nela de universalmente incomunicável a não ser o que de um sujeito possa ser considerado irreduzível – e portanto, muito menos há aqui algo de uma necessária *coexistência resistente de ambos*, como a parece propor Kant. Em suma, vista “somente em si” (ibid.), a poesia é de tal modo que um tal *nó górdio* não existe sequer.

A poesia, diz porém Kant, não só não deve, como não pode assim ser vista; bem pelo contrário, assim que ela deixa de ser vista sem mais, descobre-se que ela é antes o justo oposto disto. A saber, diz Kant, a poesia não só é o resultado de um jogo – um jogo entre faculdade de imaginação e entendimento –, como este jogo tem como fundamento e está como fundamento de, opõe-se e liga-se a um outro jogo – o jogo da razão; e já agora, porque não dizê-lo, do primeiro jogo depende a questão da inefabilidade da criação nova da poesia; da sua ligação com o segundo jogo, a possível ou impossível universal comunicabilidade da mesma; e de ambas, da sua oposição e simultânea união, a veracidade ou não, e subsequente singularidade ou não, da posição kantiana sobre a poesia.

Assim, é de notar que já na própria enunciação da poesia, e do espírito que a anima, Kant se refere à mesma como um “jogo” (id.: 313) – o mesmo que, justamente, “põe em movimento as faculdades do ânimo” (ibid.), e “fortalece ainda as faculdades para [esse mesmo jogo]” (ibid.). Mais concretamente, o *jogo poético é um jogo entre faculdade de imaginação e entendimento* – um no qual a faculdade de imaginação é livre, e porém a um tempo se submete às regras do entendimento –, e portanto um fino jogo entre liberdade e coerção, prazer e desprazer, erro e verdade – um no qual ambos estes pares antitéticos são porém unos. Não por acaso,

Kant refere-se a ele sempre nos mesmos termos; e isso não só nas *Lições de Antropologia*, mas também no “Opponenten-Rede” (AA 15.2: 903-935), bem como na *Antropologia num Enfoque Pragmático* (1798), onde a poesia é definida como “um jogo da sensibilidade ordenado mediante o entendimento” (AA 7: 246), o qual “produz por si próprio novas formas (composições do sensível) na faculdade de imaginação” (id.: 246-247).

Um tal *jogo*, cremos, é facilmente explicável em termos gerais; e nele está contido o problema da inefabilidade do dizer poético. Assim, é consabido que este jogo entre faculdade de imaginação e entendimento é não tanto um jogo apenas entre duas faculdades, antes um entre toda uma série de faculdades inferiores e superiores do espírito, as quais, essas sim, dão forma última ao anterior jogo. Dito de outro modo, é sabido que este processo nasce na *sensibilidade*, de onde são extraídas impressões que compõem a antecâmara do conhecimento humano; que o armazém destas é a *memória*, a qual, em conjunto com a *fantasia*, traz em si as representações sensíveis, obscuras, e as representações intelectuais, claras; e que, por conseguinte, destas representações têm de vir a ser outras, por composição e disjunção, e que isso acontece não mediante a faculdade de imaginação reprodutiva, mas mediante a faculdade de imaginação *produtiva*, a qual, por intermédio da memória engenhosa, do engenho e do génio, compõe e dissocia representações dos objectos na memória, a partir daí formando representações plenas de novo sentido: imagens novas que se compõem espontaneamente, por si próprias (“selbst geschaffene Bilder” (AA 25: 528)), que por isso parecem perigar o entendimento humano, mas que estão todavia sob regras suas, que não são de todo absurdas, e que ao lhe serem apresentadas, se lhe vêm a revelar ulteriormente verdadeiras. Isto é, numa palavra, Kant percebe para a poesia, e na poesia, um alinhamento, uma disposição conjunta deveras singular, e única, de todas as faculdades do ânimo, e justamente nessa disposição única liberdade e coerção, erro e verdade entrecruzam-se num muito produtivo *jogo*: “Aqui a imaginação é posta em jogo, o entendimento encontra matéria, o engenho diversão, e a faculdade de julgar ocupação” (AA 25.2: 1494). Pois aqui, justamente, está a face mais visível do jogo poético; a saber, que, num constante processo de submissão/escrutínio de imagens entre faculdade de imaginação e enten-

dimento, e subsequentemente entre todas as anteriores, muito vivificadas faculdades, a imaginação confira ao entendimento a elasticidade fantasiosa que habitualmente lhe falta, e o entendimento confira à faculdade de imaginação a ordem que, de outro modo, ela não teria; mas, ao mesmo tempo, que a imaginação o faça por meio de verdades mais verdadeiras do que o poderia conceber o entendimento³ – pois *isso mesmo é a poesia* – e que justamente esse suplemento de inventividade seja afinal indirectamente regido, já desde o início, pelo próprio entendimento – pois *também isso*, diria Kant, é a poesia.

Um tal jogo da poesia, porém, envolve *um problema de indizibilidade* – e esse problema coloca-se no preciso momento em que a faculdade de imaginação transita da sua reprodutividade para a sua produtividade.

Assim, voltando à primeira designação do problema, é agora ainda mais evidente que tais representações poéticas, lúdicas, da faculdade de imaginação, elas “dão muito que pensar” (AA 5: 314); pois “Notamos que uma expressão de um poeta pode fazer uma impressão tal, que todas as forças do nosso ânimo são movidas, o nosso engenho começa a entrar num jogo, e o nosso entendimento recebe matéria para pensar” (AA 25.2: 1063). Esta “impressão”, esse “muito que pensar”, próprios da poesia, reitera porém Kant, são apesar de tudo *indizíveis*; e se o são, creio, não se deve isto ao facto de a poesia trazer à luz novas representações, ou ao facto de ela reactivar representações antigas, mas justamente ao anterior jogo das faculdades humanas, que propicia a *singular simultaneidade dos anteriores factos, a saber, que a criação poética seja a um tempo reprodução, e também pura produção*. Pois note-se: se a poesia recorresse exclusivamente a representações antigas para a sua composição, e não criasse novas, ela seria mera memória (o que dispensaria o anterior arranjo das faculdades); e se a poesia dependesse exclusivamente da produção de novas imagens, sem recorrer a impressões tidas, ela seria incompreensível, e absurda (o que igualmente dispensaria várias das faculdades). Ora, a primeira, diria Kant, é possível, mas indesejada (pois ela é dizível, mas não seria poesia); a segunda é tanto indesejada como impossível (pois ela é indizível, e também não seria po-

³ “A sensibilidade tão-pouco obscurece o entendimento, pois, ao invés, ela torna-o mais claro porque lhe dá exemplos. A sensibilidade faz a claridade da intuição, mas o entendimento faz a claridade dos conceitos.” (AA 25.2: 1230).

esia). Ao invés, diz Kant, a poesia, como forma de discurso humano por excelência que é, tem de partir de um objecto passado para criar um novo – é essa, dir-se-ia, a sua ligação com a realidade, e base legítima para a sua dizibilidade ou indizibilidade; com a diferença, porém, de que, justamente mediante o anterior reposicionamento das faculdades, o novo que ela assim cria não é mera reinvenção do antigo, não é mera renovação do antigo, o que seria dizível, antes *total transformação, e portanto reinvenção sensível de um passado que, até então, não existia sob essa forma (nova)*. No dizer de Kant, isto é dar nova aparência, tão sensível quanto possível, às coisas, trazer as coisas ao espírito sob outras, mais coloridas e novas roupagens⁴: é, dir-se-ia, “a criação como que de *outra natureza* a partir da matéria que a natureza efectiva lhe dá” (AA 5: 314); não a “segunda natureza” de que fala Pascal nos seus *Pensamentos*⁵, a qual é pela faculdade de imaginação criada para ludibriar o incauto espírito humano, mas uma que, bem pelo contrário, dá dos objectos ao espírito humano características, uma imagem que este daqueles ainda não possuía, e que nisso é como que *sobre-humana verdade das coisas*. Ora, a natureza da poesia, essa está certamente entretecida com a da linguagem humana; de outro modo, não poderia haver poesia por palavras. Mas esta *outra natureza*, que a poesia extrai da matéria da natureza, essa novidade e inventividade de índole estética que o poeta extrai das coisas como que por meio de uma Varinha de Vedor (EICHENDORFF, 1841, p. 136), que faz as coisas surgirem ao nosso olhar interno sob uma forma que não é a sua, mas não obstante é mais verdadeiramente a sua, em suma, esse mais-pensar das criações poéticas e do jogo po(i)ético das faculdades, *estes extravasam pois em muito a linguagem, estes não cabem na linguagem, e invadem o espírito humano, e fazem-no progredir e conhecer mais; esses, dir-se-ia pois, significam o estrato não-verbal que Kant reconhece na poesia*, e que se crê poder ser pressentível, mas nunca exponível por conceitos. Pois uma coisa, é o que na poesia é reconduzível a um passado comum, e cabe na palavra; outra coisa é aquilo que isto “permite pensar” (AA 5: 315), isto é, o “inexprimível” (id.: 316) no conceito,

⁴ A ilusão poética, diz Kant no texto “Entwurf zu einer Opponenten-Rede”, “traz à cena a árida e seca imagem da verdade banhada com cores sensíveis” (AA 15.2: 907).

⁵ “Cette superbe puissance, ennemie de la raison, qui se plaît à la contrôler et à la dominer pour montrer combien elle peut en toutes choses, a établi dans l’homme une seconde nature.” (PASCAL, 1829, Article VI, III, p. 68).

que é por isso mesmo para o ser humano, e suas limitações, inefável, e que faz com que as ideias estéticas muito dêem que pensar “sem que contudo qualquer pensamento determinado, isto é, conceito, possa ser-lhe adequado, representação que conseqüentemente nenhuma linguagem alcança inteiramente nem pode tornar compreensível” (id.: 314).

Assim, para resumir e fixar o problema da necessária indizibilidade da poesia humana, dir-se-ia pois que ele não permite que a poesia seja vista por si só, antes ela nasce do jogo das faculdades humanas, e ela própria consoma esse mesmo jogo; e que, ao trazer ao extremo essa mesma relação dialógica e lúdica do jogo, isso envolve não só a animação de tais faculdades, como a subsequente re-sensibilização de objectos do conhecimento humano, numa cumulação de sentimento e reflexão que parece não ter fim – isso mesmo, no fundo, o diz a infinita amplitude da sua indizibilidade, que não só não é algo negativo, como é aliás o melhor e mais fértil que a poesia tem. *A poesia, sugere pois Kant, é a faculdade de imaginação em pura criação*: ela é a faculdade de imaginação, e o seu jogo, na procura de “alcançar um máximo” (id.: 314), uma “completude” (ibid.): a saber, o de “procurar tornar sensível” por imagens, pela linguagem, objectos, sabendo-se porém que para estes objectos “não se encontra nenhum exemplo na natureza” (ibid.), e que portanto estas imagens, estas ideias estéticas não são dizíveis, antes se nos podem insinuar apenas naquilo que nelas não fala, naquilo que nelas está emudecido, e porém fala e dá mais a pensar que o próprio objecto (“a perspectiva de um campo incalculável de representações afins” (id.: 315)). Este pugnar por um *máximo*, esta busca de *completude*, no que eles têm de indizível, é pois o singular jogo da poesia; e é aí, propriamente – diz Kant – “que a faculdade de ideias estéticas pode mostrar-se na sua inteira medida” (id.: 314).

III.

Explicada que está a necessária indizibilidade da imagem poética, coloca-se agora a segunda parte do nosso problema: *a de uma indizibilidade da representação poética que, não obstante este seu atributo, tem de ser universalmente comunicável.*

Como é natural, aquilo a que Kant se refere, e diz ter de ser universalmente comunicável, é não aquilo que cabe nas palavras, mas o *mais-pensar* nestas contido, e que nelas é efectivamente poético: o seu fazer-novo de objectos, sentimentos e pensamentos tidos, os quais carregam consigo a transformação de si próprios, e a transformação conjunta do conhecimento do ser humano em geral. Pois é isso mesmo o que na poesia é mais subjectivo, e por isso indizível; e é isso que, segundo parece, tem de ser, e merece ser comunicado a todos na poesia. O *problema*, porém, está em que não se trata aqui de tornar universalmente comunicável uma forma, embora deveras ousada, da linguagem – pois a essa, a poesia por palavras, ainda a governa uma espécie de lógica, de regra da linguagem, de expectativa do modo de pensar e sentir humanos, que pode ser universalizável, e portanto, a esta, que é sempre palpável, seria possível que ela se tornasse compreensível para todos. Aqui, trata-se antes de pensar aquilo que, no seio do momento de inspiração poética, é dado a pensar, a sentir ao espírito; a saber, o *muito-pensar* de que fala Kant, o cerne do problema estando em que, porém, *este muito é tanto, que muito deste muito, muito da ousadia deste máximo, não o logra o espírito conceber, isso é no fundo para ele inefável, porque inconcebível, e porque a um tempo antigo e novo* –, e portanto, ao retornar o espírito deste voo inexprimível, desta máxima altura, vê-se este, bem como o entendimento, e também a razão, por certo recompensados com novos conhecimentos, mas todavia conhecimentos que, *dada a sua mera intuitividade, e portanto inconceptuabilidade e aparente irracionalidade, parecem ser meramente individuais, e não de todo passíveis de serem comunicáveis entre seres humanos*. Pois querer tornar compreensível aquilo que justamente não fala, e que apenas exala timidamente da linguagem; tornar igualmente compreensível para todos, para além da individualidade de cada qual, *intuições internas*, isto é, algo que não tem conceito (cf. AA 5: 314), que não fala mas faz pensar infinitamente, e que é indizível: isso é, reiteramos, *a busca por um máximo de completude*, isso é, no fundo, querer discernir, para além de algo que é ainda minimamente lógico, e que tem uma conexão distinta – o poema por palavras – *algo que não parece sujeitar-se a nenhuma regras lógicas; ou antes, isto parece querer sugerir uma outra lógica que não a... habitual lógica, antes uma outra, própria de um superior jogo, que a poesia põe também em marcha – mas não já sozinha*.

Com efeito, *assim é*, diz Kant; pois este procedimento, esta tão problemática procura de um máximo por parte da poesia encontra de facto um seu *contra-ponto*, e portanto talvez *ponto de apoio*, em uma outra linguagem, uma outra lógica, e portanto um outro jogo, o “jogo da razão” (id.: 314): ele que, diz Kant, é porém inteiramente contrário ao procedimento da faculdade de imaginação, que pressupõe toda uma outra função e disposição de todas as faculdades do ânimo, que não actua mediante representações inauditas e novas, fruto do engenho e do génio, antes actua mediante ideias da razão, as quais nisto servem de correspondente, ou contra-ponto [*Pendant*] às ideias estéticas – e que, por todas estas razões, busca ele próprio um máximo, mas um máximo diferente do da faculdade de imaginação (cf. id.: 314). A saber, explica Kant, a ideia estética, da faculdade de imaginação, é uma procura de “tornar sensível [o objecto] numa completude para a qual não se encontra nenhum exemplo” [conceito] “na natureza” (ibid.) – e aqui reside o seu, e nosso problema essencial; e a ideia da razão, enquanto seu contra-ponto, é “inversamente um conceito ao qual nenhuma intuição (representação da faculdade de imaginação) pode ser adequada” (ibid.) – e nisto reside o problema do jogo da razão. O *problema conjunto*, dir-se-ia pois, está em que *o que uma é, a outra não é*: a ideia estética da poesia, dir-se-ia, é intuição à qual falta, para atingir o seu máximo de completude, um conceito da razão; e o jogo da razão é conceito ao qual falta, para atingir o seu máximo de completude, a intuição da faculdade de imaginação – pois ambos designam objectos que estão para lá dos limites da experiência (ibid.). O *conflito, e a directa oposição entre jogos é pois aqui inevitável, porquanto a faculdade de imaginação, mediante a poesia, busca um máximo de índole conceptual, e a razão, mediante a filosofia, busca um máximo de índole intuitiva*; ou, por outras palavras – e para resumir os termos do nosso problema – *uma, a poesia, busca dizibilidade, comunicabilidade para a intuição, para o mais-pensar, que nela, por falta de conceito, é indizível, e é nela problema, e a outra, a filosofia, busca intuitividade, sensibilidade para os conceitos que nela, por falta da intuição, são apenas comunicáveis*; e porque ambas buscam diferentes máximos – os quais, porém, são na sua forma última um e o mesmo –, então não pode admirar que estejamos aqui em presença de dois percursos contrários, totalmente

desligados à exceção de uma única coisa, que os une: a sua insuficiência, e a sua busca por suprir tal carência.

A total antiteticidade, total contrariedade do jogo da poesia e do jogo da razão, crê porém Kant, não significa porém entre ambas *simples* e declarada *oposição* – pois nem a poesia pode prescindir da razão no seu jogo, nem a razão pode prescindir da faculdade de imaginação no seu. Ao invés, reitera Kant, cada um dos jogos é *contra-ponto [Pendant], dir-se-ia mesmo, contra-balanço do outro*; mais concretamente, contra-balanço da carência de cada qual, que é por certo inevitável, mas a cuja supressão se pode pelo menos aspirar de diferentes maneiras – por certo, pela *filosofia*, diria o Kant crítico, e pela *poesia*, diria o Kant antropólogo. Sim, pois é por demais sabido, diria o primeiro, que na sua busca conceptual pelo não-intuível, encetada pela razão, a faculdade de imaginação desempenha importante papel; e que, diria o segundo, na sua busca intuitiva pelo conceito, encetada pela faculdade de imaginação poética, a razão desempenha igual papel de relevo; e portanto, o que isto significa é que às ideias da razão lhes falta por certo representação da faculdade de imaginação, e às ideias estéticas conceito racional; mas, sobretudo, porque ambos os jogos são contra-ponto um do outro, que, em certo momento da busca, *faculdade de imaginação e razão têm de interagir nos seus jogos: elas, bem como filosofia e poesia, têm de interagir* (pois não só aquelas, mas também estas são aqui contra-ponto uma da outra), e isto não apenas fortuitamente, mas de tal modo que aí se saibam em busca de algo inalcançável. Pois às ideias puras, faltar-lhes-á intuição, mas isso, diria Kant, não nos impede de as termos, e de elas nos serem universalmente comunicáveis; e portanto, às ideias estéticas da poesia, faltar-lhes-á conceito na natureza, e são indizíveis, mas isso tão-pouco as pode impedir de as termos, e de elas nos serem tornadas manifestas, ainda que por certo na sua indizibilidade– e que isto não é impossível, di-lo a própria colocação inicial do problema, onde Kant afirma *a comunicabilidade do indizível na poesia*.

Assim, dir-se-ia, quando Kant descreve o anterior arranjo das faculdades do ânimo (Secção II.), quando refere a vivificação dessas mesmas faculdades, e mediante ele vê o processo de criação de ideias estéticas e o designa como disposição poética do espírito humano, ou jogo da poesia:

tudo isso é contra-ponto, segunda natureza, outra face de um outro jogo, de uma outra disposição das faculdades, de uma outra lógica, as do jogo da razão, que Kant consideraria na crítica. Pois, note-se, ambos os jogos da poesia e da razão são para Kant simultâneos, e inter-dependentes: eles ocorrem, dir-se-ia, costas a costas um com o outro, segundo diferentes lógicas, mas no interior do ser humano, e portanto confinam inadvertidamente, mas intimamente e necessariamente. Um, dir-se-ia mesmo, é o necessário correspondente, e o necessário complemento do outro; e se o são – conclui-se –, isto dá-se não pela comunhão de faculdades, nem sequer pela comunhão destas no ser humano, mas justamente *mediante as suas produções, os seus discursos, as suas imagens*: pois que cada uma destas, diria Kant, tem de aspirar não só a promover a sua própria empresa, mas também a repercutir-se favoravelmente na empresa da outra, e isso, ora *tornando as ideias puras da razão, senão intuíveis, pelo menos pensáveis, ora tornando as mais ousadas ideias estéticas da faculdade de imaginação, senão conceptualizáveis, pelo menos pensáveis* – ou, no nosso caso particular, *comunicáveis*.

Restaria, pois, indagar por pontos em que, na filosofia ou na poesia, ambos os planos assim se cingissem. Tal busca, porém, não é para Kant longa. Pois, justamente – *e aqui está o cerne da questão* – um desses raros momentos em que ambos os planos se entrevêm e reconhecem enquanto tal – um desses raros momentos em que há entre uma e outra dimensão de cada um dos jogos no ser humano consonância, e benefício mútuo, é, diz Kant, o do *efeito poético*, enquanto “apresentação” estética, mediante uma outra lógica, “dos conceitos da razão (das ideias intelectuais)” (AA 5: 314); e isso, certamente, mediante *o indizível* que a poesia extrai destes, e cria a partir da inovação, da transformação e reformação destes – daí, no fundo, tal colocação kantiana do problema. *O indizível no efeito poético, dir-se-ia pois, é aquilo que mais intimamente estreita os jogos de faculdade de imaginação e razão* – ou não afirmasse Kant, como aludimos em II., que da criação poética, e do seu mais-pensar, resulta avanço no conhecimento do homem, e que daí retiram dividendos a razão, mas também a filosofia e a ciência. E porquê? Porque – reiteramos –, se a poesia assim agracia a razão, e isso mediante o indizível, então será de pensar que essa mesma razão, *ela é aquela que joga em paralelo o seu próprio jogo*, e que essa mesma oferenda,

o indizível, *ela é não só parte do jogo da poesia, como também já, parte do jogo da razão* – tal como o escrutínio do entendimento, e a aceitação ou não dessa oferenda, são já fruto de um jogo que é, afinal, contra-ponto do primeiro. Dito isto por outras palavras, se há uma causa para que a disposição poética das faculdades do ânimo assim aja, é por ser isso já parte do jogo da razão, pois nessa união, há proveito mútuo para o espírito humano, que assim não se vê empedernido, e confinado somente a apresentações intelectuais das coisas; e, por outro lado, se há uma causa para que o efeito poético, o produto do génio, o engenho, não perdurem, e se desvançam no ar após o seu efeito, é porque esse mesmo gesto da razão é já também parte do jogo da poesia, e isso com novo e evidente benefício para o espírito humano, que assim se vê livre de cair no absurdo ou na loucura. E portanto, depreende-se, para que isto aconteça, tem de haver não criação do nada (o que seria uma dizibilidade absurda), ou criação para o nada (o que seria uma indizibilidade absurda), antes uma reciprocidade proporcional e harmoniosa, um diálogo constante entre os elementos do jogo da poesia, que são a faculdade de imaginação e o entendimento, e a soberana razão, de tal modo que o produto destes – o indizível – não exista apenas enquanto tal, antes, por necessária acção do jogo da razão, que não tolera imoderações, sempre tenha de ser *conforme a um fim*, como, no fundo, diz Kant, o é o princípio vivificante do ânimo, o pôr em movimento das faculdades do ânimo, numa palavra, a verdadeira poesia.

Assim, há certamente na poesia, e no seu jogo, um elo de ligação com a razão, e o seu jogo: esse elo é *o indizível*, assim haurido a partir de representações criadas mediante processos comuns, e cooperativos, entre ambos os jogos. Mas porque, assim parece, o jogo da poesia é também já e sempre jogo da razão, e porque mesmo este último é pelo anterior influenciável, e pode deste retirar proveito; e sobretudo, porque, sendo ambos os jogos inter-dependentes, também as suas criações o são: então o indizível por este enclave criado não pode ser estritamente... indizível, e com isso incomunicável. Bem pelo contrário, assim o dita a razão, este indizível, este inconceptualizável são porém criações também suas, eles não podem ser absurdo, nem sequer podem ser mera expressão de um indivíduo para si próprio, e por isso solipsismo estéril. O indizível na poesia, sugere Kant,

tem antes em si algo que outras representações e discursos não têm: uma propensão, para além daquela que lhe permite ser o que é – e que é, assim o dizem poetas e filósofos de todos os tempos, de uma índole extra-humana –, para se comunicar *enquanto tal* a outros, para retirar de si, do que em si está para além do humanamente concebível, o que em si é porém mais humano, e menos inconcebível, e irracional – e isso, na medida em que sempre se possa reportar àquilo que é já para todos indizível, e que é em todos um substrato não-verbal da linguagem. A isto, a esta comunidade silente, mas omnidizente, chama Kant “espírito” (AA 5: 313), ao qual assiste pois não só a vivificação do ânimo assim criada, mas também, por certo, uma racionalidade inerente: porém, uma outra racionalidade, *uma outra lógica da dizibilidade e da comunicabilidade*, uma segundo a qual o estrato não-verbal da poesia, suportado porém pela força de palavras e imagens únicas, e nisso orientado pela razão, se comunica – *não-verbalmente* – a outros indivíduos, aos jogos que neles mesmos ocorrem, e ao próprio estrato não-verbal dos mesmos, e nisso se dá a conhecer a estes, se comunica enfim, enquanto algo que em todos é afinal não apenas humano, mas o *mais humano* – e aqueles, em silêncio, compreendem-no assim mesmo:

uma feliz relação que nenhuma ciência pode ensinar e nenhuma diligência pode aprender, de encontrar ideias para um conceito dado e por outro lado de encontrar para elas a expressão pela qual a disposição subjectiva do ânimo daí resultante, enquanto acompanhamento de um conceito, pode ser comunicada a outros. O último talento é propriamente aquilo que se denomina espírito: (...) expressar o inefável, no estado de ânimo por ocasião de uma certa representação, e torná-lo universalmente comunicável (...) (id.: 317).

REFERÊNCIAS

- EICHENDORFF, Joseph Freiherrn. *Joseph Freiherrn von Eichendorff's Werke*. Berlin: M. Simion, 1841.
- KANT, Immanuel. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin (Akademie-Ausgabe). Berlin: Georg Reimer, 1901ff. (AA).
- PASCAL, Blaise. *Penseés*. Paris: Bureau de la Bibliotheque Économique, 1829 [1ª edição 1669]. (P).